

NOS BASTIDORES DA DOCÊNCIA¹

YOSHIDA, Gláucia²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir a atividade docente a partir de seus componentes constitutivos. O que torna a atividade efetivamente docente? Intenta-se, neste estudo, desconstruir um fenômeno relativamente conhecido e até corriqueiro no cotidiano de qualquer estudante; porém, os elementos constitutivos da atividade docente nem sempre são perceptíveis aos olhos deles e, talvez, pouco (re)pensados pelos docentes, cujas implicações operam e constroem efetivamente a docência. Assim, busca-se apresentar a docência a partir de seus atos, de suas características, possibilidades e críticas, daquilo que a configura ou não. Discute-se, portanto, a constituição da docência a partir de seus bastidores, sentido e objetivo. Trata-se de uma revisão bibliográfica, em que expoentes da educação brasileira e estrangeira contribuem com um olhar crítico e atento acerca dos bastidores da docência como fator elementar para a sua efetiva consolidação. Ressalta-se a importância da interligação dos atos da docência, suas conexões e características específicas, cada um com sua singularidade, sem sobrepor um em detrimento de outro.

Palavras-chave: Ato; Aula; Docência; Planejamento.

¹ Artigo apresentado ao Instituto Wallon Educacional como requisito parcial para obtenção da Certificação em Pedagogia – complementação pedagógica.

² Doutora em Ciências da Educação e Especialista nas áreas de História, Administração, Psicanálise e Inteligência Multifocal, Docência Universitária e Desenvolvimento Humano e Psicologia Positiva. Possui Graduação em Ciências Sociais. É Master Coach Sistêmico, Coordenadora de Pós-graduação em Formação de Professores e Coautora do Método@VIDA. Contato: glaucia.yoshida@bssp.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Somos assim: sonhamos o voo, mas tememos a altura. Para voar é preciso ter coragem para enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece.

O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas isso é o que tememos: o não ter certezas. Por isso trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.
(*Os irmãos Karamazov, Fiódor Dostoiévski*)

Historicamente, a atividade docente pode ser compreendida por meio de variadas roupagens. Nota-se que, ao longo da história, até mesmo uma visão messiânica, em que o indivíduo habilitado a ensinar era, de certa forma, dotado de um dom sobrenatural, sendo que o talento nato lhe conferia autoridade para tal, perpassou o ato de ensinar.

No presente estudo, a atividade docente é descrita a partir de seus *atos*. Essa perspectiva remete a um conceito trabalhado no campo do teatro. Assim sendo, pode-se afirmar que ato, no campo teatral, consiste em:

Parte de uma peça que corresponde a um ciclo da ação que é separada das outras por um intervalo. As peças podem ser de um ato a vários atos. Em termos de transposição cênica e dependendo da encenação, os intervalos podem ser evitados por mutações breves, usando cortinas, cortes de luz e outros recursos. Cada uma das partes em que, convencionalmente, é dividida a peça teatral, e que, por sua vez, pode ser constituído de

cenas e quadros. O ato cria estrategicamente um intervalo que serve para a troca de cenários e ‘desliga’ momentaneamente a plateia da tensão do espetáculo (TEIXEIRA, 2005, p. 38).

Ao estabelecer a relação entre o ato cênico e a docência, pode-se afirmar que esta última é composta por atos distintos e, assim como no teatro, há intervalos que pressupõem a preparação para o próximo ato. Neste contexto, alunos e professores são sujeitos da ação; portanto, atores do processo educacional³ (CHALITA, 2001).

Ao considerar neste estudo a docência com base na perspectiva de atos, como no teatro, necessário se faz trazer à luz o conceito de ator/atriz sob esse olhar.

Pessoa que recebeu preparação teórica, técnica e artística para interpretar e representar num espetáculo de teatro. Pessoa que domina as técnicas de representação, o que lhe permite interpretar papéis, emprestando-lhes o corpo e as emoções na justa medida daquilo que lhe é pedido pelo encenador. É o principal agente de expressão ou

³ Gabriel Chalita é Doutor em Direito e Comunicação e foi secretário de Educação de São Paulo. Ao apresentar alunos e professores como atores do processo educacional, enfatizou os múltiplos olhares a respeito da imagem e postura de tais atores, que, por assim dizer, são estigmatizados pelo sistema e por um cotidiano de rituais que muitas vezes desqualificam suas identidades.

comunicação num espetáculo teatral. O texto teatral, em princípio, só adquire vida ao ser animado pelo ator. É ele que empresta plenitude física e espiritual ao texto do dramaturgo, usando o seu corpo e a sua voz para comunicar ao público a personagem que interpreta (TEIXEIRA, 2005, p. 39).

Se no teatro considera-se a importância do ator/atriz por sua preparação, capacidade de comunicação e plenitude em seu papel a ser interpretado, entende-se que acerca do espetáculo da aula – tratado logo adiante – o professor precisa trazer dos bastidores todo o seu preparo, a fim de evidenciar sua capacidade de expressar seus mais variados papéis: ora medidor, ora facilitador, ora pesquisador, ora curador e, acima de tudo, um sujeito ativo que compreende seu papel no processo de formação humana em um contexto de complexidade, que requer desse profissional, além da desenvoltura, a flexibilidade.

Com base nessas considerações, o objetivo deste estudo é discutir a atividade docente a partir de seus componentes constitutivos, explicitando a importância de cada uma das etapas; nesse caso, consideradas como atos. Trata-se de uma possível dissociação de alguns elementos constituintes do ofício docente, que, por serem totalmente ritualizados, não são percebidos ou exercidos em sua plenitude.

Observa-se que, no cotidiano das instituições de ensino, os processos institucionais que permeiam a profissão de professor tendem a contribuir com a construção identitária. Todavia, é imprescindível a reflexão acerca desses bastidores; de como são relevantes não apenas para o ofício da docência, mas também para a construção de uma identidade profissional.

Procedimentos metodológicos

Este estudo é o resultado de reflexões realizadas durante a complementação pedagógica para a formação em Pedagogia, o que proporcionou à autora a percepção da essência do ato de educar e a sua relação com a formação do professor. Assim sendo, o presente artigo apresenta um recorte teórico sobre o processo de execução da atividade docente e propõe elucidar os elementos que compõem essa atividade, discutindo o que aqui é denominado de bastidores da docência. O vocábulo bastidores consiste no recorte escolhido como eixo norteador da discussão; portanto, é descrito em forma de atos e detalhado em suas especificidades no decorrer deste artigo.

Para tanto, recorreu-se à revisão bibliográfica. Segundo Gil (2002, p. 45):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar

diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Dessa forma, buscou-se apreender as etapas do fazer pedagógico com base na ideia de atos, advinda do campo teatral. Os autores utilizados no referencial teórico são expoentes consagrados na literatura da educação brasileira e estrangeira. Os conceitos explicitados foram analisados à luz da hipótese de que a docência constitui-se de atos e que, como no teatro, apesar dos intervalos entre cada ato, os atos da atividade docente estão interligados. Assim sendo, a proposta deste estudo é apontar a importância de cada ato e a consciência do docente sobre sua postura em cada momento, para que haja excelência no processo.

Importa mencionar os principais conceitos analisados, a saber: docência, explicitando sua essência; planejamento educacional, apresentando sua importância no processo; a aula, discutindo, em especial, seus aspectos de engajamento discente; e, por último, a cultura organizacional das instituições de ensino, o que, neste estudo, é compreendida como um dos bastidores que podem qualificar ou desqualificar a atividade docente.

Todos esses conceitos foram apresentados tendo como base orientadora alguns elementos constitutivos do teatro. Assim, o planejamento e a entrega de resultados são considerados bastidores, e a aula, o palco.

A sistematização da proposta a ser discutida, bem como as suas conexões, são representadas por meio da Figura 1:

Figura 1 – Os bastidores e os atos que sustentam o espetáculo da docência



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Entende-se que a docência é constituída por diversos elementos. Contudo, os elementos ora apresentados fazem parte do recorte metodológico, com vistas à compreensão específica de três

momentos que marcam o ofício da atividade docente, sem desmerecer outros. Trata-se, portanto, de uma abordagem didática.

2. A DOCÊNCIA E A SUA ESSÊNCIA

Docência como profissão é uma discussão que merece um olhar atento. Para alguns, a docência é uma devoção; para outros, uma missão. Há aqueles que acreditam exercer um sacerdócio. E ainda, os que a veem apenas como uma marquete, esperando que “algo melhor” lhes apareça, para, assim, abandonarem o ofício.

Para Tardif (2002), pesquisador canadense e conhecido internacionalmente pelas pesquisas sobre a profissão docente, ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho, a fim de adaptá-los e transformá-los pelo e para o trabalho. Desse modo, o espaço de trabalho definido pela atividade docente é apenas uma forma de aplicar os saberes, o que é considerado pelo referido autor como reflexividade, retomada, reprodução, reiteração daquilo que se sabe naquilo que se sabe fazer, a fim de produzir sua própria prática profissional. Logo, é preciso pensar a docência a partir da perspectiva de profissionalização e, acima de tudo, de um processo contínuo de capacitação e mudanças, considerando seu objetivo final.

A maioria das pessoas teve ou ainda tem professores em sua vida. A atribuição prática desse profissional é de conhecimento geral. A despeito disso, o que muitas pessoas realmente desconhecem são os bastidores da docência. Ora, uma aula pode ser considerada apenas um ato no processo de ensinagem⁴; porém, outros atos são definidores e desafiadores para essa profissão.

Observa-se que, atualmente, a essência do ser professor é mais complexa do que em épocas passadas. É desejável, nos dias de hoje, que o professor não restrinja seus afazeres pedagógicos apenas aos espaços de sala de aula, mas também que possibilite aos alunos enxergarem a vida, para que

⁴ Termo utilizado por Anastasiou e Pimenta (pedagogas e pesquisadoras brasileiras na área de formação de professores), que significa: “[...] uma prática social complexa efetivada entre os sujeitos, professor e aluno, englobando tanto a ação de ensinar quanto a de aprender, em um processo contratual, de parceria deliberada e consciente para o enfrentamento na construção do conhecimento escolar, decorrente de ações efetivadas na sala de aula e fora dela” (ANASTASIOU; PIMENTA, 2003, p. 15).

possam encontrar sentido naquilo que fazem. Da mesma forma, o professor deve ter e dar sentido ao que faz a partir de sua ação.

Neste sentido, o professor que é professor, que tem esse “ser” incrustado dentro de si, é aquele que se faz novo e sempre busca melhoria e atualização naquilo que faz. O professor que reconhece verdadeiramente o sentido de seu trabalho – e isso é a essência do ser professor – é aquele que se embebece de conhecimento e não suporta mais guardar para si e o leva àqueles que lhe foram confiados. Neste sentido, Moran (2014, p. 14) ensina que: “O novo professor tem que aprender a gerenciar e integrá-los ao seu ensino”. Portanto, trazer o aluno para si e encher de significado aquilo que lhe é apresentado e que, posteriormente, poderá também ser replicado é a grande essência da atividade docente. Infere-se, dessa forma, que a concepção do “ser” professor é mais ampla e profunda do que se possa imaginar.

Segundo Madalena Freire (2008, p. 33), “Para escutar, não basta só ter ouvidos. Escutar envolve perceber o ponto de vista do outro (diferente ou similar ao nosso), abrir-se para o entendimento de sua hipótese, identificar-se com sua hipótese para compreensão do seu desejo”. O escutar também é algo que depende muito do ser professor, porque esse escutar é fundamental para que se chegue ao medular daquele que é escutado. Conforme a referida autora, essa

atividade é a que irá garantir uma verdadeira compreensão do que o outro deseja e precisa e, como base nisso, pode-se construir o que é necessário a ele.

A discussão da essência da docência perpassa significativamente os processos de construção da identidade docente. Isso significa que professores atribuem a si mesmos e à educação um significado social. Neste sentido, as instituições de ensino desempenham um papel de mediação reflexiva entre as transformações sociais concretas e os indivíduos; entre o que acontece na sociedade como um todo e os indivíduos, isto é, os alunos, aqueles que estão nas instituições de ensino.

De acordo com Pimenta e Anastasiou (2002, p. 78-79):

A mediação reflexiva é tarefa complexa que exige conhecimentos. Por isto a identidade de professores constitui também um processo epistemológico que reconhece a docência como campo de conhecimentos específicos configurados em grandes conjuntos: os conteúdos das diversas áreas do saber (das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes) e do ensino; os conteúdos didático-pedagógicos, diretamente relacionados ao campo da atividade profissional; os conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos do campo teórico da prática educacional; os conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana individual, com sensibilidade pessoal e social. Esses saberes devem ser mobilizados, articulados nos percursos de formação inicial e contínua.

Com base nessas considerações, é preciso compreender a docência como um processo de construção social. Sendo assim, a identidade docente está vinculada ao contexto em que ela se insere, ao recorte temporal, cultural e político. Dessa forma, importa mencionar a relevância dos serviços prestados por instituições de ensino que constroem processos organizacionais que interferem e/ou contribuem para a construção

identitária. Essa questão será discutida posteriormente, pois é um dos atos considerados como um dos bastidores da docência.

A seguir a docência será abordada com base na ideia de atos. Considera-se como Ato 1 o Planejamento; Ato 2, a aula; e Ato 3, a entrega dos resultados. Esses atos não são os únicos da atividade docente, e neste estudo foram tratados como um recorte metodológico.

3. PLANEJAMENTO: O ATO CRUCIAL DA ATIVIDADE DOCENTE

O Ato 1 da docência, o planejamento de aula, é um dos atos mais relevantes e trabalhosos. É nele que o professor insere seu sonho, sua intensão (energia), sua criatividade e sua alma. Todavia, nem sempre esse ato é vivenciado em sua plenitude. Muitos professores cansados, desanimados e até decepcionados com a profissão não conseguem realmente realizar essa etapa com excelência. Podem ser inseridos nesse contexto: o tempo de trabalho, o conformismo ou até a presunção de que já se sabe o que deverá ser feito. Afinal, à medida que o tempo passa e o ofício vem sendo desempenhado, muitos docentes adquirem certa segurança e passam a acreditar que não é preciso melhorar.

Pois bem, compreende-se que o planejamento deve estar alinhado a outras questões, entre as quais o conhecimento do professor sobre o plano de desenvolvimento institucional.

Com base nesse plano, ele obtém elementos essenciais para o seu planejamento, como as diretrizes políticas e filosóficas que norteiam a existência da instituição. Neste sentido, importa ratificar a necessidade, por parte do docente, de conhecer e contribuir para a construção do Projeto Pedagógico da escola ou do curso em que está inserido. É por meio da participação e do conhecimento que seu planejamento terá coerência e congruência com aquilo que é preconizado pela instituição de ensino.

De acordo com Gaeta e Masetto (2013, p. 69), “O planejamento de uma disciplina se configura como uma situação extremamente importante e fundamental para o sucesso da docência, o que torna igualmente importantes a reflexão e a indicação de algumas diretrizes práticas de como fazer”. Portanto, o planejamento está para além de um mero ato burocrático

de preenchimento de documentos; trata-se da construção de um instrumento de ação educativa, em que o professor, de forma consciente, compromete-se, de maneira efetiva, com a formação do alunado. Desse modo, pode-se afirmar que o planejamento diz respeito ao comprometimento com a filosofia de uma instituição e com a execução de uma matriz curricular.

Apesar da importância do planejamento, é muito comum alguns professores acreditarem em sua expertise e o negligenciarem, tomando-o como uma mera norma burocrática.

Verifica-se que, no planejamento, devem fazer-se presentes as ações docentes previstas, voltadas para os educandos, que deverão ser realizadas dentro e fora de sala de aula. Sem uma sistematização de ações corre-se o risco de cair no imprevisto, na omissão de conteúdos e no não cumprimento daquilo que é preconizado em um projeto pedagógico. É no planejamento que os objetivos didáticos e filosóficos são expressos. Esses são como uma teia, que interliga eixos estruturantes claramente desejados.

Um dos aspectos mais desafiadores do planejamento docente é a construção coletiva, visto que a atividade docente não é um ato isolado, solitário ou independente. A maestria e o sucesso da aprendizagem são alcançados quando o maior número de atores possíveis do processo educacional se compromete em

planejar e executar o plano, sempre em sintonia e com objetivos comuns.

Com base nessas considerações, pode-se afirmar que um planejamento integrado pressupõe o acompanhamento e o apoio de gestores, bem como o conhecimento e a apropriação, por parte dos docentes, das propostas e dos programas institucionais. Neste sentido, o planejamento não se restringe à elaboração de um Plano de Ensino; pressupõe um total envolvimento do professor com sua carreira, com a instituição a qual se encontra vinculado e com os educandos.

O planejamento é um ato de bastidor. Segundo Teixeira (2005, p. 48), bastidor “diz-se, genericamente, dos espaços do palco fora da vista do público. Espaço interno do palco, em volta do cenário, por onde circulam atores e outros profissionais durante o espetáculo”. Esse é o primeiro ato da docência.

Ademais, os bastidores da docência têm ainda um espaço especial, a sala de professores. Nesse espaço ocorrem várias situações. É possível alegrar-se com os colegas numa pausa para o café; rir dos alunos quando entregam suas tradicionais pérolas; rir de si mesmo, quando não é capaz de superar a falta de recursos, a estrutura da educação e até mesmo as limitações como ser humano e docente. Além disso, essa sala é palco para a encenação de sonhos. É nesse ambiente que objetivos, em forma de planos, bem como inúmeras atividades, são

elaborados. Algumas dessas atividades são cansativas, mas essenciais para a aprendizagem dos alunos.

Devido a essas e a inúmeras outras razões, a sala de professores consiste

no principal bastidor da docência antes do docente adentrar ao espaço da sala de aula para a apresentação do espetáculo mais importante, a aula.

4. A AULA: O MOMENTO MÁGICO OU TRÁGICO

A atividade docente exige que o professor lide cotidianamente com condicionantes, que são também formadores. São os obstáculos cotidianos que permitem ao docente desenvolver o que Bourdieu (apud SETTON, 2002) denominou de *habitus*, um instrumento conceptual que contribuiu para pensar a relação e a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores e a subjetividade dos sujeitos. Esse conceito, embora seja visto como um sistema engendrado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante reformulação. *Habitus* não é destino. É uma noção que auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica; um sistema de orientação ora consciente, ora inconsciente. Consiste, por assim dizer, em uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas.

Conforme Setton (2002), a teoria do *habitus* pode habilitar a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo. Observa-se que o professor, em sua atividade docente, desenvolve uma identidade social, que, na verdade, está condicionada a

elementos sociais; nesse caso, às instituições de ensino e à cultura, em consonância com as suas subjetividades e as formações que recebem.

Feitas essas considerações preliminares, aborda-se, neste tópico, o Ato 2, a aula, considerada como momento principal da atividade docente. É durante esse ato que as energias são repostas, e os sonhos, reconstruídos. E, também, é nesse ato que se dá o encontro com cada estudante. Independentemente do nível de ensino, é sempre um encontro com uma pessoa, uma alma; enfim, um ser.

Durante a aula, o docente põe em prática teorias, técnicas e, acima de tudo, sua sabedoria ao alcance dos educandos. Importa ressaltar que, no decorrer desse ato, é preciso ousadia e coragem para ensinar e, às vezes, recomeçar. Neste sentido, uma aula pode ser comparada a uma cena ou a um palco, visto que

Pode ter vários significados. Cena é o palco. Estar em cena é estar a representar ou a ensaiar dentro da área de representação. Cena pintada ou construída é um cenário. Dar ou tomar cena é deixar ou ocupar o espaço do palco durante a representação.

Uma cena é o momento da ação em que estão em cena as mesmas personagens. A duração da cena é determinada pela entrada ou saída de uma ou mais personagens (TEIXEIRA, 2005, p. 71-72).

Se a aula pode ser entendida como uma cena, necessário se faz refletir sobre o que vem a ser o protagonismo nesse cenário. Historicamente, e até etimologicamente, a ideia de aluno, isto é, aquele que é sem luz, remete à ideia de que o professor é o ser iluminado que, com seu brilho, iluminará seus aprendizes. No entanto, o contexto educacional atual apresenta uma situação que vai de encontro a essa ideia: os tempos são de protagonismo discente.

A literatura educacional, em sua maior parte, mostra que quanto mais os educandos posicionam no processo ensino-aprendizagem, maior a autonomia deles e verdadeira é a atividade. Assim, a ideia de passividade, como a que ocorre em aulas expositivas, sem a efetiva participação da plateia (alunos), não faz sentido em tempos de complexidade. Assim sendo, a aula, como bem pontua Masetto (2010, p. 187),

[...] não é uma cena isolada de um ato de uma peça no teatro. Ela é o espaço e tempo no cenário de uma sociedade contemporânea, nos quais os personagens agem e interagem, e neste intercurso de ações constroem um processo de

aprendizagem e de formação profissional e cidadã.

Masetto (2010) defende a ideia de *aulas vivas*. Essas aulas, segundo o autor, referem-se à construção de participação ativa dos professores e dos aprendizes. Logo, a figura do professor é a de mediador, sendo a ideia de curadoria fundamental nesse processo. Desse modo, o professor curador é aquele que avalia o conteúdo e seleciona materiais conforme a qualidade. Importa mencionar que, em um mundo repleto de informação, nem tudo que se é transmitido configura-se como conhecimento. Portanto, a pesquisa é fundamental para a elaboração de uma aula de qualidade.

Com base nessas ideias, pode-se inferir que a aula é o momento do encontro, de definição de metas e atividades. É também o momento de compartilhar resultados. É por isso que a aula precisa ser mágica; um momento em que os aprendizes sintam-se motivados para buscar a informação. Neste contexto, a técnica sala de aula invertida, tendência das metodologias ativas, consiste num grande desafio para os docentes, haja vista que a história da maioria dos professores em sala de aula é marcada essencialmente por aulas expositivas, sendo o docente o detentor do saber; portanto, o transmissor de conteúdo por excelência. Contudo, esse paradigma deve ser desconstruído.

5. A ENTREGA DE RESULTADOS: BASTIDORES QUE SUSTENTAM O ESPETÁCULO

Compreender a docência em atos significa assumir um dos momentos fundamentais que sustenta o processo educacional, o das relações institucionais. Todo professor precisa interiorizar os elementos que compõem a cultura organizacional das instituições de ensino. É fundamental que esse vínculo seja consciente; sobretudo, fruto de uma escolha. Assim, ao escolher uma instituição de ensino para desenvolver seu trabalho, o professor deve ter em mente os pressupostos que sustentam a instituição, qual a sua filosofia, como se dão as relações de trabalho e se essas coadunam com os seus valores enquanto ser humano e docente. Somente essa parceria deliberada e genuína poderá culminar em um espetáculo exitoso, ou seja, uma aula de excelência.

Nesse ponto, chega-se ao Ato 3, a entrega dos resultados; isto é, o cumprimento do trabalho burocrático e administrativo. Nesse processo muitos docentes sentem-se desgastados, o que beira a negligência, devido ao volume de exigências por parte das instituições. No entanto, deve-se ter clareza que esse bastidor também faz parte da docência e que ele contribui para a caracterização do profissional docente, cuja competência é expressa não apenas no palco ou em sala de aula, mas também nos bastidores, onde o trabalho tem início e fim.

Ressalta-se que as instituições de ensino consistem em formatos sociais inseridos num contexto mais amplo, e que são lugares de práticas sociais concretas. Assim sendo, uma escola não é apenas um local de trabalho, mas também de interação e representação humanas, habitada por um imaginário socialmente construído e veiculado interna e externamente. Dessa forma, a cultura organizacional desenvolvida nas instituições de ensino é o veículo de um imaginário que as legitima como a principal fonte fornecedora de identidade para os atores do processo educacional; em especial, os professores.

Para Crozier (1995), a sociedade atual não pode exigir da escola que prepare os aprendizes para ocupar este ou aquele emprego, pois ninguém pode realmente dizer quais empregos existirão amanhã e quais desaparecerão. Segundo esse autor,

Daqui pra frente deve-se exigir que a escola forme seres humanos capazes de se mostrar ativos num mundo diferente; capazes de compreender e dominar a seu modo a complexidade das atividades e das relações humanas com que irão confrontar-se; capazes de assumir sua liberdade de escolha juntamente com as oportunidades e também as responsabilidades e instabilidades que essa liberdade impõem; capazes de tirar o partido da explosão das comunicações que nos envolve num turbilhão de informações

e conhecimentos, que suprime as referências e os nossos referenciais (CROZIER, 1995, p. 74).

Neste contexto, a identidade docente é o resultado de um estado psicossocial que pode variar no tempo, ou seja, não é fixa e depende do seu ponto de definição, pois pode referir-se ao professor como indivíduo e ao grupo a que pertence (a instituição de ensino e a sociedade em geral).

Ora, um professor tem diversas identidades, e o conjunto delas lhe permite experimentar um sentimento de identidade, visto que não existe identidade sem esse sentimento interno. A esse sentimento interno dá-se o nome de pertencimento. Observa-se que as relações institucionais permitem que o indivíduo (professor) se expresse ou simplesmente se assuma como tal a partir de sua aceitação no grupo do qual faz parte.

No contexto de reflexão sobre os atos da docência, as instituições de ensino cumprem papel essencial na caracterização, na composição e na articulação do bastidor. Aqui, esse bastidor diz respeito à entrega de resultados. São as instituições de ensino que definem os processos burocráticos que, por vezes, são considerados exaustivos e se, não cumpridos, conforme prazos e solicitação, comprometem a imagem institucional e a imagem profissional docente. Trata-se, portanto, da construção de uma cultura

organizacional, compreendida da seguinte forma:

Primeiro como instrumento de poder; segundo como conjunto de representações imaginárias sociais que se constroem e reconstroem nas relações cotidianas dentro da organização e que se expressam em termos de valores, normas, significados e interpretações, visando um sentido de direção e unidade, tornando a organização fonte de identidade e de reconhecimento para seus membros (FREITAS, 2000, p. 97).

Cada ato da docência precisa estar em consonância com a cultura organizacional da instituição na qual o professor está inserido. No imaginário coletivo, as instituições de ensino expressam uma realidade em que somente seus membros compreendem a sua verdadeira essência. A sociedade classifica, aprova ou reprova as instituições, por mais que o sistema educacional faça a parte legal. Esse é o desejo de pertencimento, inerente aos indivíduos. Dessa forma, ser professor nesta ou naquela instituição pode fazer grande diferença na identidade docente. São, portanto, os bastidores que compõem o perfil desse profissional, podendo elevá-lo ou desqualificá-lo.

Destarte, a entrega de resultados, enquanto trabalho de bastidor, refere-se, em linhas gerais, a reuniões, correção de atividades, planejamentos diversos, lançamento de notas, entre outras atividades. Nesse processo, o principal bastidor é o contínuo preparo

do professor –estudos, pesquisas e atualizações. Neste sentido, as instituições devem fazer todo o trabalho de sustentação do espetáculo, pois, sem o apoio institucional, as condições de trabalho precarizam a atividade docente.

Com base na reflexão ora apresentada – um paralelo entre a

atividade docente e o teatro –, a docência pode ser compreendida sob a forma de roteiro, cujas etapas são como Atos no contexto teatral. Por fim, para ilustrar o enredo (a trama), o Quadro 1 sintetiza o que foi abordado no decorrer deste artigo.

Quadro 1 – A Docência em Atos

ATO 1	ATO 2	ATO 3
Planejamento	A Aula	Entrega de Resultados
Este é o contexto definidor da excelência docente. Trata-se da sistematização das atividades docentes, tendo como referencial os documentos norteadores do processo. Quanto maior o conhecimento do professor acerca desses elementos, maior a congruência na execução do plano. O objetivo do Planejamento é orientar a tomada de decisões do professor, situar a instituição de ensino, o que será realizado, e, sobretudo, orientar o aluno quanto ao que será visto.	A aula é a cena ou o palco onde o planejamento será executado. Neste contexto, devem ser considerados os elementos mais significativos do processo de ensinagem, ou seja, a relação professor-aluno. Além disso, importa salientar que a aula é construída no processo. Apesar da preparação, do planejamento, a aula não está pronta, será construída a partir das contribuições dos aprendizes. Dessa forma, considerar as particularidades de cada público em consonância com as expectativas institucionais faz toda a diferença.	Este Ato diz respeito a uma elaboração de bastidores. Aqui, o que deve ser evidenciado são as relações institucionais; como e de que maneira a instituição de ensino deseja obter os resultados construídos ao longo do processo. Assim, o cumprimento de prazos e as demandas burocráticas são essenciais para que todo o processo seja registrado. O espetáculo poderá ser inesquecível aos olhos do aluno. Porém, se o registro não for a contento, todo o esforço despendido será ignorado ou desqualificado.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

5. Considerações finais

A docência constitui-se de momentos mágicos e de outros não tão mágicos; porém, não menos importantes. Assim sendo, é desejável que o professor reconheça a

importância de cada um dos momentos discutidos durante este estudo, sem que, com isso, supervalorize um em detrimento de outro.

O presente estudo buscou evidenciar a importância de três momentos específicos da docência por meio de um paralelo com o teatro. Dessa forma, cada um desses configurou-se como atos. Se ato pressupõe ação, o professor neste contexto é sujeito-ativo, que, por sua identidade docente, compreende seus variados papéis e se põe inteiramente à disposição e a serviço do maior e mais relevante objetivo da docência, a aprendizagem.

A docência é um ofício construído socialmente, e essa construção está intimamente ligada às relações institucionais. São as instituições de ensino que contribuem significativamente para a constituição identitária do professor, uma vez que elas definem parte significativa dos bastidores da docência.

Com relação aos bastidores, foi possível observar que o planejamento e a entrega de resultados são momentos bastante específicos, mas que ocorrem simultaneamente, dado que o ofício de professor é significativamente dinâmico. A aula, por sua vez, foi tomada como palco, isto é, cenário representativo para a construção do imaginário coletivo em que alunos e sociedade fazem suas classificações, aprovações ou exclusões. Importa mencionar que o momento da aula pode ser trágico ou mágico, o que dependerá de dois bastidores relevantes, a saber: o planejamento e a cultura organizacional, que define como se dará a entrega de resultados.

Pois bem, a docência representada por meio de atos teve como objetivo ressaltar etapas de um ofício que, por seu cotidiano ritualizado, pode perder a perspectiva e a sua essência. Trata-se aqui da automatização das atividades, que são intensas e aparentemente repetitivas, a exemplo do bastidor da entrega de resultados. No entanto, a essência da docência está em (re)construir cada um desses momentos como único e especial, por se tratar de educação, de ato educativo, que transforma vidas.

Assim como no teatro, os bastidores da docência não são visíveis ao público (alunos e sociedade). Entende-se, contudo, que um espetáculo foi aprazível à plateia quando os atores são aplaudidos de pé ou ovacionados. Com um professor nem sempre isso acontece, mas é possível perceber quando os alunos aprenderam, envolveram-se com a aula; enfim, tiveram proveito sobre aquilo que fora construído nos bastidores. O contrário também acontece: aulas desinteressantes e enfadonhas aos olhos dos aprendizes, o que evidencia falta de planejamento, customização da aula, comprometimento e interesse por parte de docentes. No lugar de algo aprazível, o que se tem é uma perda de tempo, cujo objetivo principal não foi alcançado, a saber: a aprendizagem. Na dinâmica da docência, os atos nem sempre aparecem em forma de intervalos, como no teatro. Eles estão interligados e, às vezes, ocorrem de forma simultânea. Assim,

planejamento, aula e entrega de resultados estão sempre começando, terminando e recomeçando. Esse

processo é que constitui os *bastidores da docência*.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. das G. C. Ensinar, Aprender, Aprender e Processos de Ensino. In: ANASTASIOU, L. das G. C.;

ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de Ensino na Universidade**. Joinville, SC: Univille, 2003.

CHALITA, G. **Educação: A solução está no afeto**. 8. ed. São Paulo: Gente, 2001.

CROZIER, M. **La crise de l'intelligence: essai sur l'impuissance des élites à se réformer**. Paris: InterEditions, 1995.

FREIRE, M. **Educador, Educador, Educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREITAS, M. E. **Cultura Organizacional: identidade, sedução e carisma?** São Paulo: FGV, 2000.

GAETA, C.; MASETTO, M. T. **O professor iniciante no Ensino Superior: Aprender, Atuar e Inovar**. São Paulo: SENAC, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MASETTO, M. T. **O professor na hora da verdade**. São Paulo: Avercamp, 2010.

MORAN, J. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

SETTON, M. da G. J. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, n. 20, p. 60-70, maio/jun./jul./ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>. Acesso em: 03 jan. 2020.

TARDIF, M. **Saberes Docente e Formação Profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, U. **Dicionário de Teatro**. São Luís: Instituto Geia, 2005.